

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CASAMENTO, FAMÍLIA E COMPADRIO DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A COMUNIDADE IMIGRANTE ITALIANA EM FRANCA-SP

José Victor Maritan Gonçalves

UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Resumo

Com base na análise da experiência migratória ocorrida entre a Itália e o município paulista de Franca buscamos apresentar algumas considerações sobre as redes sociais formadas pelo contingente populacional oriundo da província de Rovigo, especialmente da comuna de Bergantino, que se dirigiu pioneiramente para as fazendas de café da região de Franca a partir de junho de 1887. Por meio da exploração de registros paroquiais de batizado e casamento no Arquivo da Cúria Diocesana de Franca, cruzados com fontes civis italianas e matrículas de entrada de imigrantes no estado de São Paulo, este trabalho reconstituiu o perfil demográfico desses italianos que chegaram ao interior paulista entre 1887 e 1907. Procuramos observar o papel das redes sociais para delimitar os comportamentos de uma cadeia imigratória que envolveu centenas de pessoas para um novo ambiente e cuja imigração familiar impactou profundamente na formação de correntes de informações entre imigrantes e parentes que permaneceram na terra natal e possibilitava ao emigrante mobilizar contatos no mercado matrimonial e de compadrio através de comunicações entre famílias conhecidas.

Introdução

Este trabalho busca analisar o tema da emigração/imigração italiana para o interior do estado de São Paulo, através do estudo de percursos migratórios e de uma singular experiência migratória ocorrida entre a comuna de Bergantino, na província de Rovigo, e a região de Franca, no noroeste paulista. O município situa-se na área de expansão da economia cafeeira, favorecida pela instalação da rede ferroviária no final do século XIX.

O objetivo, nesse artigo, é analisar os dados obtidos através da reconstituição das famílias italianas radicadas no município, ultrapassando o uso dos dados quantitativos para conhecer o deslocamento de imigrantes através do estudo de um caso singular

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

possibilitado pela metodologia onomástica. A partir do cruzamento nominativo foram reconstituídas as redes sociais em que esses emigrantes estavam envolvidos dos dois lados do Atlântico.

O município de Franca foi fundado pelos entrantes mineiros e pelos viajantes paulistas que rumavam para Goiás. Segundo a historiografia paulista, esses “precursores” advinham dos municípios mais antigos do estado e das áreas mineradoras em decadência no estado de Minas Gerais. A aproximação da abolição e após esta, a expansão das lavouras cafeeiras passou a depender da importação de mão de obra imigrante. Com o deslocamento sucessivo da cafeicultura pelo interior, os grupos europeus que vieram ao estado de São Paulo foram se estabelecendo cada vez mais a oeste. O *timing* (anterioridade) de chegada desses grupos concentrava particularidades regionais do fenômeno emigratório e do contexto de partida, motivos de ordem demográfica e econômica.

O Brasil colocou-se em terceiro lugar no fluxo incessante da emigração italiana entre os anos 1880 e a Primeira Guerra Mundial¹. No quadro da emigração transoceânica, os italianos que se dirigiram ao Brasil eram caracterizados por uma elevadíssima composição familiar, que indicava sua intenção de permanecer no país de destino. De modo geral, embora as particularidades regionais estivessem intimamente ligadas aos deslocamentos em cadeia, o fenômeno emigratório foi determinado pelo excedente demográfico e pela depressão agrícola que atingiu os campos italianos, provocando uma crise de disponibilidade alimentícia².

Os primeiros camponeses que se dirigiram ao município de Franca tinham como destino a grande propriedade cafeeira do Coronel José Garcia Duarte, futuro Barão de Franca. Essa experiência é singular na medida em que foi responsável pela disseminação de uma corrente emigratória entre as comunas do baixo Polesine e o interior paulista. Os casos particulares ilustram a pluralidade de contextos locais de partida e chegada que os estudos quantitativos ignoram.

¹ TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1988, p. 18.

² *Ibid.*, p. 31.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Por meio da exploração de registros paroquiais de batizado e casamento no Arquivo da Cúria Diocesana de Franca, cruzados com fontes civis italianas e matrículas de entrada de imigrantes no estado de São Paulo, foram coletados dados de 8.800 famílias de origem italiana que se radicaram na microrregião de Franca³ entre 1885 e 1945. Para a região de Franca foram arrolados 4.610 casamentos e 21.251 assentos de batizado; para a comuna italiana de Bergantino um total de 583 casamentos. A metodologia de cruzamento nominativo de fontes permitiu reconstituir dezenas de famílias de Bergantino radicadas aqui.

Antes de explorar os resultados demográficos obtidos, é importante apresentar o ambiente de partida e chegada desse grupo de italianos que cruzou o Atlântico em diversos momentos entre as décadas de 1880 e 1910.

Do baixo Polesine para a Alta Mogiana

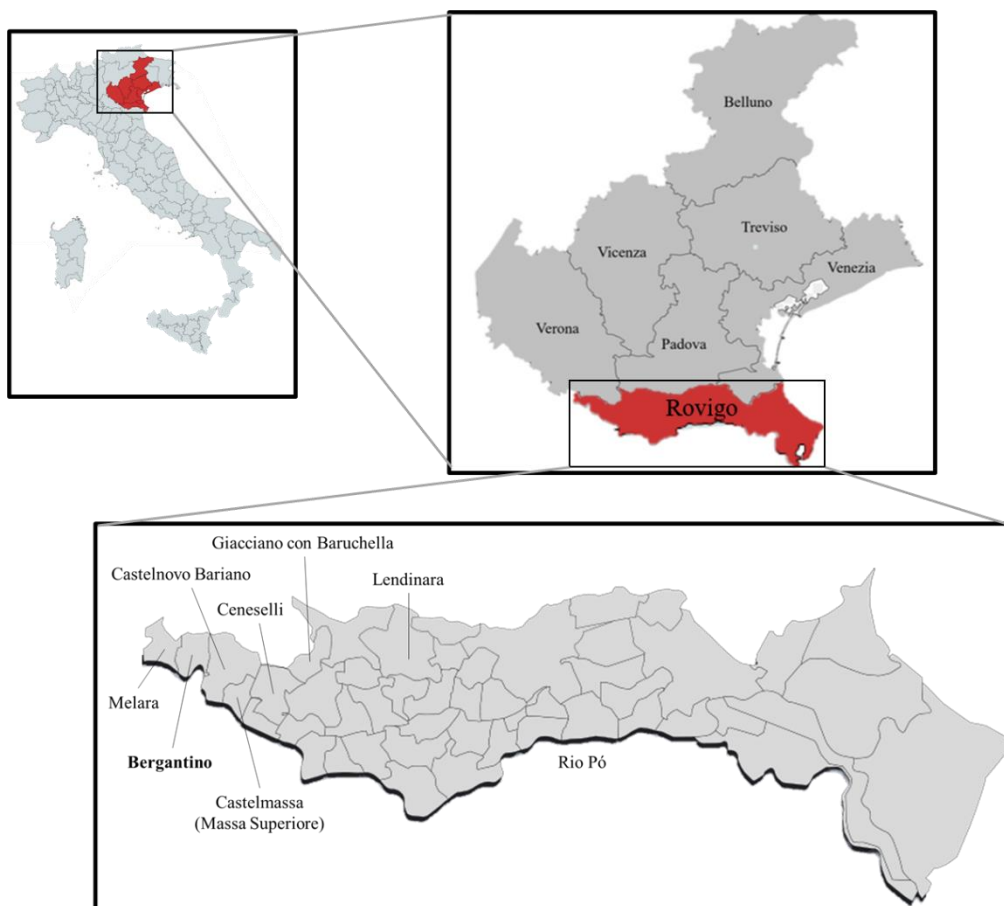
A comuna de Bergantino, situada no extremo oeste da província de Rovigo, na região do Vêneto, foi a comuna italiana mais citada nos assentos de casamentos na Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Franca. Outras comunas próximas também são frequentemente encontradas nesses registros, tais como: Castelnovo Bariano, Giacciano con Baruchella, Ceneselli, Massa Superiore (Castelmassa, a partir de 1928) e Lendinara.

Imagem 1

Região do Vêneto: destaque para a província de Rovigo e a comuna de Bergantino

³ Atualmente, a microrregião de Franca compreende os municípios que compunham o antigo território francano no final do século XIX: Cristais Paulista, Itirapuã, Jeriquara, Patrocínio Paulista, Pedregulho, Restinga, Ribeirão Corrente, Rifaina e São José da Bela Vista.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fonte: adaptado do Portal Emigrazione Veneta.

A microanálise dos fenômenos históricos e econômicos revela que, embora as províncias de Belluno, Treviso, Udine e Vicenza, tenham oferecido a parte mais significativa do êxodo para a América durante as duas primeiras décadas após a unificação italiana⁴; foram as províncias que margeiam os rios Pó e Ádige que mais contribuíram com famílias camponesas para o trabalho na faina do café no município de Franca. Os dados obtidos sobre as primeiras levas de imigrantes denotam a existência de uma cadeia migratória na paisagem agrária de Rovigo (RO), Pádua (PA) e Verona (VE).

Os rios Pó e Ádige delimitam, sobretudo o primeiro, as fronteiras meridionais do Vêneto e tornam o solo da região riquíssimo de águas. Esse fator interferiu estreitamente no desenvolvimento capitalista da agricultura de certas províncias. Contudo, no ano de 1882, a grave inundação do rio Ádige produziu efeitos drásticos no panorama

⁴ FRANZINA, Emilio. **A grande imigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p. 216.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

socioeconômico da região. Nesse caso, o fator climático abalou as áreas até então imunes ao fenômeno emigratório, como os distritos agrícolas das províncias ao sul do Vêneto.

O clima e a transformação capitalista do campo tiveram como efeito a expulsão dos trabalhadores rurais de suas seculares zonas de fixação, acostumados a configuração estática da sociedade rural veneta, cujas bases eram a pequena propriedade cultivadora e a família patriarcal camponesa como unidade produtiva. A imigração internacional para áreas de economia cafeeira se tornou uma rota privilegiada para as jovens famílias que buscavam um destino para sobreviver fora do seu mercado saturado de trabalho.

O êxodo dos camponeses do Vêneto foi um fenômeno determinado pelo poder de atração exercido pela disponibilidade de terra e trabalho no além-mar. Todavia, esta é uma interpretação simplista que via no êxodo uma espécie de válvula de escape para a crescente pressão demográfica na Itália⁵. Por isso, as situações de partida e de chegada mostram uma geografia humana que abalou toda a fisionomia demográfica e econômica do mundo contemporâneo e resvala em questões da história, da geografia e da demografia. Segundo Emilio Franzina, para compreender o primeiro período de emigração transoceânica no Veneto deve ser colocado em perspectiva as conjunturas climático-ambientais no interior de cada província a fim de se conhecer a distribuição cronológica e geográfica dos fluxos⁶.

Não podemos subestimar a influência dos fatores ligados ao clima na aceleração e no aumento do fluxo emigratório vêneta. As tempestades, as inundações, as chuvas de granizo, as secas e outros fenômenos atmosféricos causaram danos não só à agricultura, mas também as outras atividades econômicas. Em alguns períodos, as condições higiênico-sanitárias também se juntaram as motivações ocasionais do êxodo, como a epidemia de cólera que atingiu partes da Itália no ano de 1886. As calamidades naturais foram causas conjunturais do fenômeno migratório, somadas aos altos impostos, a concorrência do trigo estrangeiro, o atraso tecnológico e a transformação capitalista dos campos.

⁵ *Ibid.*, p. 61–63.

⁶ *Ibid.*, p. 75.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Os pioneiros a se dirigirem em massa para as lavouras francanas certamente fugiam dos abalos climáticos que se sucederam com frequência e intensidade na segunda metade do século XIX, em razão do início de uma nova fase climática secular gerada pela diminuição das geleiras. Em julho de 1887, mais de 85% dos imigrantes contratados pelo futuro Barão de Franca saíram de comunas às margens do rio Pó e Ádige: Bergantino, Castelnuovo Bariano, Ceneselli e Giacciano con Baruchella.

Há anos, o influente Coronel José Garcia Duarte havia incentivado o plantio de café em Franca e implantado a cultura em todas as suas fazendas. A oportunidade de trabalho oferecida por ele aos primeiros imigrantes italianos com destino ao município foi a esperança de conquistar uma vida melhor após a viagem transatlântica que custara todos os míseros pecúlios que essas famílias ainda possuíam. É possível que a transferência desses grupos tenha sido subsidiada pela Sociedade Promotora de Imigração, em atividade desde o ano anterior, pois o fenômeno das partidas coletivas estava inserido em um ambiente de extrema miséria. No caso dessas famílias, sua força de trabalho foi utilizada nas fazendas para substituir a mão de obra escrava através do sistema de colonato. Esse regime representou o processo de organização da produção de café do final do século XIX, cuja preferência por contratar grupos familiares era tão vantajoso para os fazendeiros quanto para os imigrantes, que recebiam em dinheiro pelo trato do café mediante um número determinado de cafeeiros, que estava atrelado ao número de pessoas da família aptas ao trabalho⁷.

A partir de julho de 1887, outras famílias camponesas partiram da região da comuna de Bergantino sob as esperanças de trabalho nas fazendas do Barão de Franca e nas propriedades próximas. Nossa intenção é reconstituir as famílias que tiveram esse destino, com base nas fontes da Demografia Histórica, elaborando um perfil desses emigrantes para comparar com os dados específicos da população italiana residente em Franca nas primeiras décadas do século XX.

De *contadini* em Bergantino a colonos em Franca: perfil dos emigrantes

⁷ BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo. **Colonos do café**. São Paulo: Contexto, 2019, p. 78–79.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Na segunda metade do século XIX, a evolução demográfica na província de Rovigo diminuiu as perspectivas de melhoramento das condições de vida e aumentou a necessidade de deixar a terra de origem. A estabilização da mortalidade e o aumento da natalidade produziu um saldo natural positivo quase sempre superior a 10.000 indivíduos por quinquênio. Esse excedente populacional, que se via sob condições de vida hostis, dirigiu-se, sobretudo, para as grandes plantações cafeeiras do Brasil.

Quadro 1
Evolução demográfica da Província de Rovigo de 1864 a 1893

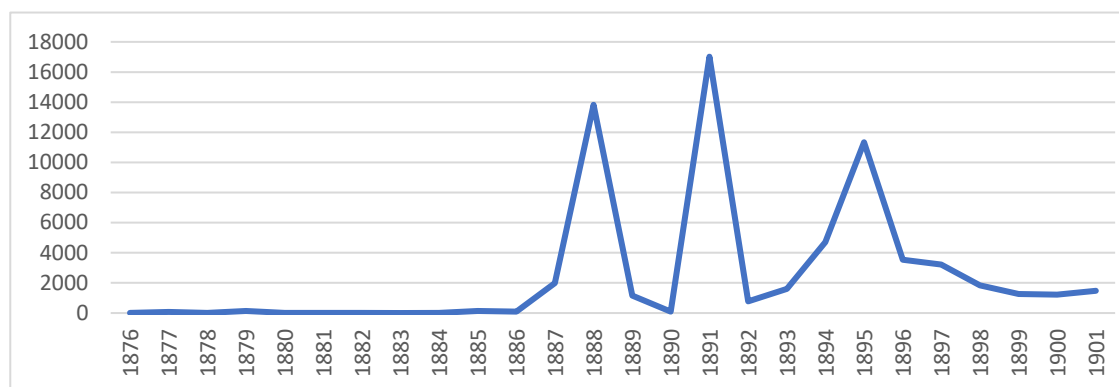
Quinquênios	Nascimentos	Óbitos	Saldo natural	População residente
1864-68	41.089	33.423	7.666	191.128
1869-73	44.620	34.510	10.110	200.835
1874-78	44.358	35.910	8.448	209.267
1879-83	45.039	34.721	10.318	217.700
1884-88	48.009	33.696	14.313	218.799
1889-93	45.784	28.505	17.279	219.899
Total	268.899	200.765	68.134	

Fonte: Censimenti generali della popolazione italiana, 1871-1901.

No ano de 1888, quase 14.000 pessoas abandonaram a província de Rovigo, três anos depois essa cifra ultrapassou 17.000 indivíduos. Além do fluxo de ordem demográfica, esses picos eram consequência da grande carestia que atingiu as zonas rurais das áreas do baixo Veronese e Polesine após a grande inundação de setembro de 1882. De 1882 a 1901, mais de 63.000 pessoas emigraram de Rovigo para a América do Sul, principalmente após o período de reconstrução dos prejuízos causados pelas águas que chegaram a oito metros de altura. A inundação devastou trinta e nove comunas, sendo Bergantino e Zelo (uma fração da comuna de Giacciano con Baruchella) as áreas mais atingidas.

Gráfico 1
Emigrantes transatlânticos saídos de Rovigo no período de 1876-1901

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fonte: FRANZINA Emílio. **A grande imigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p. 112.

Especialmente para a região de Franca onde predominava a imigração de setentrionais, como é o caso estudado, os imigrantes nascidos nas províncias de Pádua, Rovigo, Veneza e Verona representavam 83,7% do total de vênets. Os vênets e lombardos, pioneiros à imigração em massa, constituíram o maior contingente, enquanto os meridionais e toda a Itália central aderiram à imigração em outros momentos. Os meridionais tiveram maior participação entre os imigrantes com destino às ocupações urbanas e emigraram preferencialmente sem família, ao passo que os setentrionais tiveram uma elevadíssima composição familiar e correspondiam às preferências dos fazendeiros devido à sua parcimônia, frugalidade e docilidade⁸.

Quadro 2			
Procedência regional dos italianos em Franca			
Região	N. abs.	%	Localização
Vêneto	1345	55,5	Norte
Lombardia	245	10,1	Norte
Abruzo	137	5,6	Centro
Emilia-Romanha	127	5,2	Norte
Lácio	116	4,7	Centro
Campania	112	4,6	Sul
Marcas	56	2,3	Centro
Basilicata	46	1,8	Sul
Toscana	45	1,8	Centro
Piemonte	43	1,7	Norte
Calábria	42	1,7	Sul
Outros	108	4,4	-
Total	2422	100	

Fonte: Livros Paroquiais de Registros de Casamentos, 1885-1930.

⁸ TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1988, p. 41, 59-60.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Com base nos assentos de casamento levantados, os nubentes oriundos da província de Rovigo representavam 14,3% do total de italianos que subiram ao altar na igreja católica em Franca. Apenas a comuna de Bergantino representou o local de nascimento de 3,9% dos homens e 4% das mulheres nascidas na Itália, esse percentual ultrapassa 27% quando comparado aos nascidos na província de Rovigo.

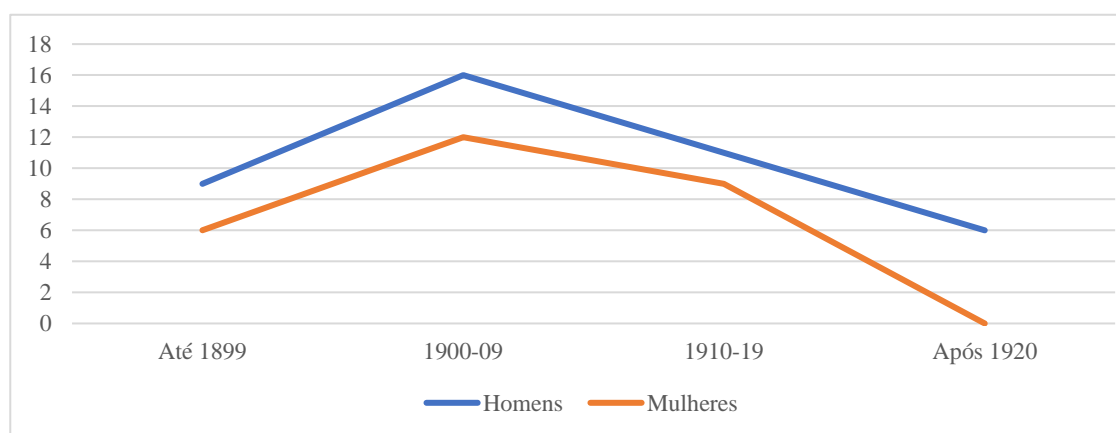
Quadro 3
Comunas de nascimento dos nubentes provenientes da província de Rovigo

Comuna	Nº abs.	%
Bergantino	66	27,5
Castelnuovo Bariano	42	17,5
Giacciano con Baruchella	24	10,0
Lendinara	18	7,5
Massa Superiore	10	4,1
Ceneselli	8	3,3
Outras	72	30,0
Total	240	100,0

Fonte: Livros Paroquiais de Registros de Casamentos, 1885-1945.

No gráfico abaixo, observa-se a evolução dos casamentos entre nubentes nascidos em Bergantino em Franca. A primeira década do século apresenta os maiores valores tanto de homens quanto de mulheres oriundas dessa comuna contraindo matrimônio da comunidade de destino, reflexo da imigração de jovens e crianças. Após 1920, esses valores decrescem devido ao escasseamento de novas emigrações dessa comuna com destino à Franca.

Gráfico 2
Nubentes nascidos na comuna de Bergantino casados em Franca, 1885-1945



Fonte: Livros Paroquiais de Registros de Casamentos, 1885-1945.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A febre imigratória em Bergantino com destino à Franca atingiu 5,5% dos casais que contraíram núpcias naquela comuna nos vinte anos que se seguiram à unificação, com picos nos anos de 1883 e 1878, cujos percentuais atingiram 17,3 e 15,7%, respectivamente. Para elaborar as características dessa população foram recolhidas informações censitárias e dos registros de casamento realizados nessa comuna⁹.

Quadro 4			
Casamentos realizados na comuna de Bergantino, 1871-1891			
Quinquênio	Casamentos realizados	Casais emigrados para Franca	
		Nº abs.	%
1871-75	137	3	1,5
1877-81	92	7	7,6
1882-86	152	12	8,8
1887-91	202	10	5,1
Total	583	32	5,5

Fonte: Atti di Matrimonio, Bergantino, 1871-1891.

O movimento demográfico nessa comuna foi mais intenso que em toda a província de Rovigo. O *Censimento generali della popolazione italiana*, realizado nos anos de 1871, 1881 e 1901, mostrou que a população da comuna havia tido uma variação positiva de 2,4% em relação a província entre os anos de 1871 e 1881. Contudo, nos vinte anos seguintes a população residente na comuna diminuiu 4,7% a mais que a da província, relevando que a situação climática influenciou realmente no fluxo emigratório dos moradores concentrados na porção da província margeada pelos rios Pó e Agide.

Quadro 5				
Recenseamento da população da comuna de Bergantino e da província de Rovigo				
Ano	Comuna de Bergantino		Província de Rovigo	
	População residente	Variação percentual	População residente	Variação percentual
1871	3.295	-	23.633	-
1881	3.506	+6,4%	24.628	+4,2%
1901	3.226	-8,0%	23.821	-3,3%

Fonte: *Censimenti generali della popolazione italiana*, 1871-1901.

A emigração atingiu principalmente as famílias jovens, expulsas de sua terra natal pela exuberância demográfica que deixava o mercado de trabalho saturado. Esses grupos eram formados, muitas vezes, só pelo casal ou pelo casal com filhos solteiros e pequenos. Certamente a situação agrícola não era positiva para os jovens casais italianos, pois o cenário das pequenas propriedades vênetas não permitia a entrada de novos atores. O

⁹ Com exceção para o ano de 1876, que não há registros disponíveis para consulta.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

hábito de dividir a terra quando os filhos se casavam foi um dos principais motivos para a divisão e o enfraquecimento dos pequenos proprietários¹⁰, tornando as terras insuficientes para manterem uma família. Por exemplo, em Bergantino no ano de 1883, quase um quinto dos jovens que se casaram imigraram para Franca nos anos seguintes.

As primeiras famílias que saíram da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo com destino à Franca tinham, em média, 4,8 pessoas. Esses imigrantes saíram das comunas devastadas pelas enchentes dos rios Agide e Pó, que agravaram a crise instalada nas províncias de Pádua, Rovigo e Verona, onde se instaurou um período de más colheitas, proliferação de doenças, destruição de residências e carestia alimentar.

Quadro 6
Famílias contratadas pelo Coronel José Garcia Duarte, em 10 de junho de 1887

Chefe	Idade	Tamanho da família	Vapor	Origem
ALBERTI, Elia	38	2	Europa	Bergantino, RO
BERTOCCO, Antonio	37	4	Napoli	-
BETTINI, Angelo	45	8	Napoli	-
CASAROTTI, Antonio	29	5	Napoli	Castelnuovo Bariano, RO
CASAROTTI, Federico	26	2	Napoli	Giacciano con Baruchella, RO
CUGOLA, Giuseppe	30	4	Europa	Bergantino, RO
DAVI, Alessandro	34	6	Europa	Castelnuovo Bariano, RO
FURINI, Francesco	44	5	Italie	Bergantino, RO
GALVANI, Clemente	41	5	Napoli	Castelnuovo Bariano, RO
GALVANI, Luigi	45	5	Napoli	Castelnuovo Bariano, RO
LUGAREZZI, Giuseppe	46	6	Europa	Bergantino, RO
MALASPINA, Ferdinando	38	5	Europa	Bergantino, RO
MEDEA, Domenico	44	8	Europa	Boara Pisani, PA
MORETTI, Giovanni	50	3	Napoli	Ceneselli, RO
OLTRAMARI, Francesco	39	7	Europa	Bergantino, RO
PANZANI, Sante	36	5	Europa	Bergantino, RO
PIANTAVIGNA, Antonio	56	3	Napoli	-
POLTRONIERI, Ferdinando	41	6	Napoli	Castelnuovo Bariano, RO
SERRAVALLE, Amedeo	44	6	Napoli	Giacciano con Baruchella, RO
TELLINI, Agostino	30	2	Napoli	VE

Fonte: Dados extraídos do Banco de Dados Italianos em Franca e dos livros de registros de matrícula da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.

¹⁰ ALVIM, Zuleika. **Brava gente! Os italianos em São Paulo. 1870-1920.** São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 33.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Em 1887, as famílias vindas da região de Bergantino para Franca apresentavam características particulares. A idade média dos chefes era mais elevada, em 1887 os homens tinham 39,6 anos, enquanto os resultados para o período de 1885 a 1928 mostram chefes de família com 37,9 anos de idade. Essa diferença encontrada justificasse pelo fato de alguns desses grupos familiares serem formados por pessoas mais velhas, com a presença de filhos casados. A vinda de pais e sogros elevava a idade média do grupo, que foi de 22,1 anos. Em relação as mulheres e aos filhos a idade média apurada foi de 34,7 e 8,2 anos, respectivamente.

Faixa etária	N. abs.	%	Homens	Mulheres
1 a 10	35	36	18	17
11 a 20	18	19	9	9
21 a 40	28	29	16	12
41 a 60	13	13	3	10
Mais de 60	3	3	2	1
Total	97	100	49	48

Fonte: Registros de matrícula da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.

De acordo com os registros de matrícula desse grupo pela Hospedaria dos Imigrantes, a composição por sexo era bastante homogênea, com 49 homens e 48 mulheres; a estrutura etária era marcada pela presença de crianças e poucos idosos, sendo mais da metade com menos de 20 anos de idade. Ou seja, havia uma quantidade significativa de pessoas passíveis de intervir no mercado matrimonial local em pouco tempo. Embora a idade média ao casar verificada na comuna de Bergantino, de 1871 a 1891, fosse 27,9 e 23,9 anos para homens e mulheres, respectivamente, vale ressaltar que nesse grupo não havia nenhuma pessoa solteira com 20 anos ou mais. Em Franca, os nubentes nascidos nessa comuna casaram-se ainda mais jovens, os homens com 24 e as mulheres com 21,1 anos de idade. Historicamente, a imigração elevava a idade de acesso ao casamento dos jovens emigrantes, contudo, nesse caso, com uma grande presença de crianças no grupo, a ausência do serviço militar reduziu a idade média dos nubentes que deixaram a Itália. Além disso, a facilidade em encontrar conterrâneos nas colônias da

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

fazenda permitia que o casamento acontecesse ainda mais cedo para atender aos interesses do grupo em reunir novas capacidades de trabalho¹¹.

Com a atração de mão de obra imigrante pelo Coronel José Garcia Duarte, essa presença italiana começa a ser observada nos livros de registros vitais de Franca. Mesmo tendo falecido no ano de 1891, o nome do Barão de Franca foi o terceiro mais citado no rol de proprietários francanos de todo o período de imigração em massa de italianos para a localidade. As fazendas do Barão foram palco de dezenas de nascimentos, uniões matrimoniais e mortes de italianos. Em 29 de agosto de 1887, dois meses após a chegada no Brasil, o garoto Costantino, de 13 anos, filho de Amedeo Seravalle, faleceu em uma das fazendas do Coronel, vitimado por uma queda de cavalo.

¹¹ BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo. Sposarsi nel Brasile. Alguns aspectos da nupcialidade entre imigrantes italianos em terras paulistas. In: DE BONI, Luis A. **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Edições Est, 1996, p. 274.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Quadro 8

Fazendeiros contratantes de imigrantes italianos em Franca, por número de contratados		
Fazendeiro	Ano de contratação	Contratados
Dr. João de Faria	1888, 1897, 1898, 1900, 1901, 1902, 1903, 1904, 1905	281
Major Claudiano	1888, 1897, 1898, 1901, 1911	173
Barão de Franca	1887	97

Fonte: Livros de registros de matrícula da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.

Em 25 de outubro de 1888, faleceu Ermínio Panzani, colono na fazenda Mirafior, também propriedade do Coronel, casado há quatro anos na comuna de Bergantino. Ele era irmão de Sante Panzani, contratado pelo mesmo proprietário em junho do ano anterior. Ambos passaram pela Hospedaria dos Imigrantes com suas famílias na mesma data, mas Ermínio permaneceu na capital do estado por um tempo antes de seguir o caminho do irmão. Dois meses depois de ficar viúva, sua esposa, Maria Rosa Zagatti, casaria com o viúvo Bellino Gavioli, cuja mulher, Santa Castardelli, também faleceu na mesma fazenda.

Conforme vimos, um novo mercado matrimonial começa a existir. Durante toda a década de 1880 apenas quatorze casamentos envolveram noivos de origem italiana. Contudo, na década seguinte, os imigrantes passam a ser sujeitos recorrentes nas atividades da paróquia e esse número salta para cento e quarenta uniões, um aumento de 90%. Se até o sexto ano da década de 1880 nenhum italiano subiu ao altar em Franca, nos últimos anos da década foram realizadas cinco uniões entre pessoas envolvidas com os contratos de trabalho firmados com o Coronel José Garcia Duarte em junho de 1887. Apenas Palma Oltramari pertencia àquela primeira leva de imigrantes contratados, mas as outras quatro eram parentes daqueles pioneiros, que chegaram meses depois, possivelmente influenciadas pelas notícias enviadas pelos familiares já estabelecidos.

O fluxo de informações teve início com as primeiras levadas imigrantes e aumentava o leque de possibilidades para os que tencionavam deixar a Itália. Por exemplo, as irmãs Doralice e Luigia Michelazzi casaram-se cinco meses após entrarem no Brasil. Elas eram sobrinhas de um dos italianos instalados aqui em junho de 1887 e imigraram acompanhadas pela mãe, Rosa Lugarezzi, que seguiu o caminho aberto por seu irmão há menos de um ano.

As estratégias migratórias escolhidas por algumas dessas famílias foram marcadas pela transferência em etapas, pois são inúmeros os casos visualizados de parentes se

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

dirigindo à Franca em diferentes momentos. Ainda no ano de 1887, além dos 97 italianos agenciados para as fazendas do futuro Barão da Franca, outras 41 pessoas passaram pela Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo com destino ao município.

A ideia de rede naquele momento tem contribuído para estudar as experiências daqueles indivíduos e os vínculos de relações interpessoais nas duas pontas do processo migratório. Os contatos pretéritos serviam de base para a formação de novas relações nas terras de destino, além de garantir vantagens e uma maior adaptação ao novo ambiente. As redes não eram constituídas apenas por vínculos estabelecidos antes da imigração na sociedade receptora, mas também durante a própria imigração. Desde a partida no vapor vão se formando redes porque os indivíduos se reconhecem na mesma condição e buscam se organizar no momento do assentamento nas terras de acolhida¹².

Entre os primeiros grupos de italianos que partiram da província de Rovigo para se estabelecer nas terras do futuro Barão de Franca pode se observar a presença de três famílias de irmãos que imigraram juntas: os Casarotti, os Galvani e os Panzani. A primeira família estava dividida em dois núcleos familiares, o primeiro composto pelo chefe Antônio Casarotti, sua mulher, dois filhos e sua mãe idosa; e o segundo formado pelo irmão recém-casado Federico Casarotti e a esposa. Por sua vez, os Galvani contabilizavam juntos dez pessoas, divididas entre a família dos irmãos Clemente e Luigi Galvani, suas respectivas esposas e três filhos cada um.

Já o caso dos Panzani revela uma separação momentânea da família. Segundo os registros da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, enquanto Sante Panzani, sua esposa e seus três filhos pequenos, dirigiram-se para a fazenda do Coronel José Garcia Duarte, seu irmão Ermínio com a esposa, um filho e a sogra, estiveram por um tempo na capital do estado. Entretanto, no ano seguinte Ermínio Panzani era colono na mesma fazenda que o irmão quando faleceu.

A preservação e o reforço de uma malha de relações anteriores à emigração vão além dos vínculos de parentesco. A análise dos registros de batismo mostrou que dos 31

¹² TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social: revista de sociologia da USP**, v. 20, n. 1, 2008.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

diversidades locais¹³. Por isso, o fenômeno imigratório deve ser entendido com uma visão mais complexa sobre as variadas formas de agregação familiar e da experiência social nas duas pontas do percurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cruzamento nominativo das fontes paroquiais, civis e de matrícula de imigrantes revelaram redes que atuavam na articulação de escolhas para a transferência de famílias para determinados locais de destino. De julho de 1887 em diante, muitos outros grupos seguiram o caminho aberto por parentes e conhecidos. Com esse breve estudo é possível inventariar diversas outras experiências sociais do período de imigração em massa. O exemplo da transferência de imigrantes da comuna de Bergantino para a região de Franca é apenas uma experiência singular que permite reconstituir historicamente os fenômenos de expulsão e atração de italianos no final do século XIX. Muitos outros temas podem ser abordados a partir deste estudo de caso, principalmente pela reconstituição de trajetórias individuais e familiares após a experiência imigratória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIM, Zuleika. **Brava gente! Os italianos em São Paulo. 1870-1920**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo. **Colonos do café**. São Paulo: Contexto, 2019.
- BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo. Sposarsi nel Brasile. Alguns aspectos da nupcialidade entre imigrantes italianos em terras paulistas. *In*: DE BONI, Luís. A. (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Edições Est, 1996, p. 267–280.
- DE BONI, Luís. A. (Org.). **A presença italiana no Brasil**, v. 3. Porto Alegre: Edições Est, 1996.
- FRANZINA, Emilio. **A grande imigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- GINZBURG, Carlo. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico. *In*: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 169-178.
- HOLLOWAY, Thomaz. **Imigrantes para o café**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- LEVI, Giovanni. Reflexões sobre família e parentela. *In*: VENDRAME, Máira Inês. **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 12–29.
- TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1988.
- TRUZZI, Oswaldo. **Italianidade no interior paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social: revista de sociologia da USP**, v. 20, n. 1, 2008.
- VENDRAME, Máira Inês *et al.* **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Editora Oikos,

¹³ LEVI, Giovanni. Reflexões sobre família e parentela. *In*: VENDRAME, Máira Inês *et al.* **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 23.

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021**

2015.